



Lembrando o Mestre e Amigo

A amplitude sociocultural e tecnológica com que João Barcelos opera enquanto jornalista, conferencista e editor, confere-lhe a identificação de mestre e amigo: porque sei de o pesquisador que não guarda o saber para si, mas partilha-o não comunicando em que situa, amigo, porque ele se esforça no meio social para precificar ainda mais o seu trabalho.

Os conhecimentos teórico-científicos e etno-históricos permitem-lhe ser o mestre e o amigo em muitas situações. Este é o intelectual João Barcelos que eu conheço e ao qual cheguei por referência de um amigo lusitano, o poeta e professor Francisco Irgora.

Centrado em Portugal, escolhe o Chão acabei de preparar material para um livro acerca dos bastidores da Comunicação Visual e gostaria que tu, que és professor de Artes Gráficas, tivesse uma leitura crítica. Fique de boca aberta. O mestre João Barcelos quer a minha opinião. Este é o espírito e a admiração, peguei o manuscrito e li-o para o mestre. Não tive de dar qualquer resposta nos papéis e disse: "Muito bom, amigo, gostaria de um dia ser tão barrado com a diversidade de saberes que você venera. De somo, beque-me os fones e disse: "Eu só tenho que agradecer a tua atenção de querer saber mais acerca do meu trabalho. É o melhor presente que um intelectual pode oferecer. E disse-me sobre ser de boca aberta. Eu, um simples professor, sob o sombo de um mestre que acabou de me ensinar o meu mundo ligado ao meu universo profissional.

De sectores: Comunicação Visual, Estamparia, Indústria Digital e Imagem Especializada, entre 2006 e 2015, tempo que agora são referências teóricas e académicas. E, após, em 2014, saí-me a "Alquimia, Moda & Comunicação Visual, um livro que ajuda a compreender o visual que faz a moda e de como a moda é uma construção social e simultaneamente etnográfica.

Carla Maria Moreira
Paris, 2014

Apresentação

da Professora

Mariana d'Almeida y Piñon

É um livro anunciado há muito tempo. Eis “um tema no qual se constroem diversos conteúdos filosóficos e tecnológicos. É verdade que a Moda é uma das políticas que mais intervêm no nosso cotidiano, embora raramente tenha peso para alterá-lo na estrutura social”. Ao escutar isto, em 2008, fiquei com a certeza de que um livro sobre o tema iria surgir, logo ou tempos depois.

Ele é jornalista, romancista, historiador, enfim, mas para mim é sempre – em tudo e por tudo o que faz e desencadeia – o poeta universal. Ah, preciso de um intervalo aqui... Vou tentar escrever este texto do mesmo jeito que ele e pedindo, é claro, vênua do mestre. Quando o conheci, no âmbito do Grupo Granja [o GG], em casa da artista plástica Tereza Oliveira, no bairro Granja Vianna, em Cotia, cidade da área metropolitana de São Paulo, eu terminava um estudo “acerca das possibilidades de comunicação corporal enquanto manifestações artísticas” (assim mesmo com este título), o que ele achou “um desafio poético na comunicação visual”. Foi a ‘deixa’ para um bate-papo que dura até hoje quando, inclusive, o GG deu origem ao Grupo de Debates Noética, que funciona também como escritório latinoamericano do Centro de Estudos do Humanismo Crítico [cehc], criado em Portugal pelo filósofo Manuel Reis.

Em uma das nossas conversas, antes do natal de 2008, em Embu das Artes, outra cidade paulista, ele disse-me que “o corpo, e em geral todos os corpos, traduzem ou visualizam naturezas vivas e próprias. E se não existe moda sem estilo é porque cada corpo exhibe emoções em torno de desejos e sonhos, e até a manifestação pela morte é feita com trajes e cores e acessórios adequados à cultura de cada corpo comunitário, ou nacional. Construir estilos de vida é comunicar visualmente atos sociais politicamente delineados entre o individual e o coletivo”. Uma lição apreendida e nunca esquecida. Mais tarde, em 2011, pedi a sua opinião para o tema “moda e comunicação visual” – um tema que não é tão acadêmico como deveria ser e tampouco objeto de discussão empresarial, o que eu já sabia desde as conversas de Embu das Artes.

No entorno deste tema, ele publicou, com a Edicon e o CEHC, livros sobre Estamparia, Comunicação Visual, Imagem Especializada e Indústria Digital, entre 2008 e 2013 – ou seja, ele adentrou o mercado da Moda pelos bastidores da Comunicação Visual desentranhando-a tecnicamente. Mas agora, em 2014, ele traça “o perfil psico-filosófico da Moda que o é enquanto Indústria Visual”, como diz, e oferece-nos “Alquimia, Moda & Comunicação Visual”, um livro que com escrita aberta e poética nos remete à complexidade do ser-estar Moda.

Disse lá em cima que tentaria escrever como ele. Pois, ele é João Barcellos, o poeta e o conferencista em conteúdos lítero-filosóficos, tecnológicos e historiográficos. Acredito que me saí bem nesta apresentação, porque dei a ler o texto à amiga e médica Johanne Liffey, sua filha, e ela se emocionou. Foi bom perceber que acertei na dose.

“Alquimia, Moda & Comunicação Visual” é um ensaio oriundo de várias palestras de João Barcellos, e digo ensaio porque em psicologia e em filosofia não existe a definição última, como já li em diversas observações do filósofo Manuel Reis, o que existe é uma abertura noética aos sistemas e nela podemos nos aprofundar nas políticas estabelecidas que fazem mexer as atividades humanas; neste ensaio, João Barcellos é ele-mesmo na sua vertente tecnológica e filosófica, mais o poeta que redescobre em áreas diversas aquilo que converge para o progresso da humanidade. E falar de Moda, traduzindo-a, é poetar num sarau sem hora para terminar!

MAyP

Profª de Artes Visuais. Paris/Fr., 2014